

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
Programa de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola

Josélia Fernandes dos Santos

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte

2016

Josélia Fernandes dos Santos

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Dra. Ângela Maria Resende Vorcaro

Belo Horizonte

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus por ter me dado forças para vencer mais esta etapa.

Agradeço à minha mãe, Terezinha, por sempre interceder a Deus pedindo força e sabedoria para mim.

Agradeço à Escola Estadual Pedro Faria pelo fornecimento dos livros didáticos que foram utilizados no desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Ângela Maria Resende Vorcaro, pelos direcionamentos e apoio na execução deste trabalho.

Agradeço à minha tutora, Ms. Isabella Tymburibá Elian, que não mediu esforços para ajudar-me a não desistir desta pesquisa.

Portanto, se admitirmos que a escola não, apenas, transmite conhecimentos, nem mesmo, apenas, os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdades; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso, cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é, historicamente, contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades.

Guacira Lopes Louro

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a representação da mulher nos livros didáticos do ensino fundamental, especificamente, naqueles veiculados nas séries iniciais (1º ao 5º anos), por meio do PNLD 2013/2015, que foram escolhidos pela Escola Estadual Pedro Faria, na cidade de Governador Valadares. Neste âmbito, os capítulos que seguem explanam a respeito dos conceitos pertinentes ao estudo e dos resultados obtidos por meio da análise dos livros. O método empregado foi o qualitativo, tendo em vista que o trabalho analisa, descreve e problematiza as imagens selecionadas nas obras pesquisadas. Algumas das conclusões obtidas na pesquisa consistem na verificação de que os livros reforçam ideais tradicionais com gênese na sociedade patriarcal ao apresentar, reiteradas vezes, mulheres na posição de donas-de-casa, ocupando-se das tarefas domésticas e, quando no mercado de trabalho, executando atividades, também, voltadas para o cuidado e a instrução do outro, fator que remete ao destino da maternidade.

Palavras-chave: Mulher - Livros didáticos - Representação

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the representation of women in textbooks, especially the ones used with first to fifth graders, offered by PNLD 2013/2015 (Programa Nacional do Livro Didático/ National Program of Textbooks) and chosen by Escola Estadual Pedro Faria, in Governador Valadares, MG. In this respect, the following chapters outline the concepts related to the study and the results collected through the analysis of the textbooks. The qualitative method was used in order to analyze, describe and discuss the selected pictures comprehensively in the examined material. In this research, some of the conclusions confirm that textbooks reinforce traditional ideas based on patriarchal society when they present women repeatedly as housewives performing house chores, and, when in labor market, they performing nursing and teaching activities, which refer to maternity.

Keywords: Woman. Textbooks. Representation.

LISTA DE SIGLAS

PCN"s (Parâmetros Curriculares Nacionais)p. 13

PNLD (Programa Nacional do Livro Didático)p. 14

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NOS DIAS ATUAIS.....	12
1.1 Os livros didáticos e a escola.....	13
1.2 Gênero e representação	15
1.3 Análise do material	17
2. MÃE, ESPOSA E O QUE MAIS? OS LIVROS DIDÁTICOS E ELAS NO AMBIENTE FAMILIAR	20
3. TRABALHO E ESCOLA: A MULHER E A MENINA NO ESPAÇO PÚBLICO....	32
3.1 A educação de crianças	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem por objetivo analisar a representação da mulher, a partir de imagens, fotografias e desenhos, apresentada em livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental, escolhidos pela Escola Estadual Pedro Faria, localizada à Rua Salvador Xavier, 151, bairro Elvamar, na cidade de Governador Valadares – Minas Gerais.

A presente pesquisa tem seu fundamento de investigação em nossa prática como estudante do Magistério dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental e, posteriormente, na Licenciatura em Letras, na qual tivemos acesso a estudos e discussões que demonstram quão sexistas as histórias narradas em livros literários podem ser, demonstrando mulheres associadas à figura do mal, como as bruxas ou meninas-mulheres frágeis, princesas ou moças pobres, à espera de um príncipe encantado para que sejam felizes o resto de suas vidas. Sendo assim, a análise da imagem feminina já foi nosso objeto de estudo no TCC da graduação em letras, no qual a estudamos nos livros de literatura realista intitulados: *Madame Bovary*, de *Gustave Flaubert* e *O primo Basílio*, de *Eça de Queirós*, monografia essa realizada durante o ano de 2011.

Por meio da prática do magistério, nas primeiras séries do ensino fundamental, principalmente, a partir das discussões promovidas pela especialização em Gênero e Diversidade na Escola, desenvolvemos questionamentos acerca de qual ideologia os livros didáticos reproduzem no que tange ao papel da mulher no contexto atual, uma vez que vivenciamos uma sociedade em que muito se incentiva o empoderamento feminino.

Nesse contexto, o objetivo principal da pesquisa, que é discutir qual representação da figura da mulher os livros didáticos veiculam, é possibilitado a partir de alguns caminhos, a saber: problematizar se essa figura corrobora ou não com a atuação da mulher na sociedade contemporânea, além de discutir qual a influência que tais imagens trazem na construção do conhecimento dos alunos que as utilizam.

Na execução deste trabalho, a revisão bibliográfica, bem como a análise documental foram os procedimentos metodológicos mais utilizados. Para tanto, foi realizada uma pesquisa diversificada, tendo como fontes: livros, artigos científicos, a rede eletrônica, trabalhos de conclusão de curso, em nível de graduação e pós-graduação *latu e strictu sensu e*, principalmente, a análise de algumas coleções de livros didáticos utilizadas, atualmente, no ensino fundamental da, já, identificada escola pública.

No que tange à análise documental, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio do levantamento, seleção e investigação em livros didáticos utilizados na referida escola estadual, ou seja, uma fonte diversificada que não costuma ser objeto de tratamento analítico nas produções acadêmicas.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de desenvolver, cada vez mais, discussões aprofundadas a respeito das imagens reproduzidas pelos livros didáticos, tendo em vista que eles constituem uma ferramenta de uso diário tanto de professores quanto de alunos. Os livros não reproduzem, apenas, os conteúdos elencados para cada matéria e série, mas também atuam como reprodutores de ideologias e apontam modelos a serem seguidos. Neste trabalho, optou-se pela análise da imagem da mulher, posto que surgiu o desejo de verificar se as obras veiculadas nas escolas mais, especificamente, na educação de crianças, acompanham o discurso de empoderamento feminino, em voga, nas últimas décadas.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois analisou as coleções escolhidas pelo viés da investigação, tendo sido selecionadas em todas as obras, imagens, fotografias e figuras que façam a representação da mulher nos ambientes familiar e profissional, bem como aquelas que expõem crianças, tanto meninos como meninas, sozinhos ou interagindo entre si.

A temática principal é trabalhada em três capítulos. O primeiro aborda algumas categorias interessantes para a análise: o contexto escolar, os livros didáticos, o gênero e a representação. Além disso, ele apresenta o detalhamento do desenvolvimento da pesquisa, observando quais os livros analisados e o que se buscou neles encontrar. O segundo é destinado a discutir os resultados da pesquisa relativa à representação da mulher no espaço privado, ou seja, no ambiente familiar

e, para isso, foram selecionadas 11 imagens. O terceiro capítulo delibera sobre a presença feminina no ambiente público, especificamente, nos espaços da escola e do trabalho para os quais foram selecionadas 11 e 18 imagens, respectivamente.

Todas as figuras selecionadas nos 22 livros analisados visam a aferir se há existência de subjugação da mulher nos ambientes em que é retratada ou se a sua presença é marcada pelo empoderamento que a coloca como sujeito ativo no meio em que está inserida.

1. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NOS DIAS ATUAIS

A instituição escolar sempre se configurou como um equipamento social que exerce forte influência sobre os indivíduos, dadas às suas características de disciplinar, instruir e formar, intelectualmente, os educandos que por ela passam. Para Silva (2014), através das regras e normas válidas para todos, em seu contexto, o processo de subjetivação das crianças e jovens discentes acontece pelo compartilhamento de experiências entre seus pares e com os adultos com os quais convivem, havendo, desse modo, a possível expansão de suas visões de mundo pela aprendizagem de novos conteúdos e convivência com as diferenças e os conflitos, no mesmo espaço.

Bertol (2014) ao refletir sobre os estudos de Louro (1997) em ponderações a respeito do processo de regulação no contexto escolar, alerta que a instituição de ensino trabalha com o regulamento dos corpos dos discentes de forma explícita, mas também sutil, pois existem normas de gênero que, embora, frequentemente, silenciadas no dia a dia da escola, ainda assim, estão presentes no currículo, planejamento das atividades, materiais didáticos e na linguagem empregada nesse ambiente.

Mesmo que o espaço escolar seja um local que viabiliza, além da prática de aprendizagem, o exercício contínuo da troca de saberes e interação entre os sujeitos do processo educativo, ele não exerce esta função sem difundir a ideologia da qual é tributário. Por isso, é ingênuo não considerar que ele, também, é marcado pelas desigualdades e assimetrias nas relações nele desenvolvidas, uma vez que a escola “está profundamente marcada pela autoridade de quem sabe mais sobre quem sabe

menos, pelas hierarquias de quem é mais experiente sobre quem é menos e, no caso, da escola pública, com a questão de classe e raça” (MATTOS, 2014, p. 5). Nessa perspectiva, declara Bertol, 2014, p. 4:

Os brinquedos e brincadeiras que são realizados com as crianças, os lugares destinados a meninas e meninos nas brincadeiras, os espaços disponibilizados para cada um, a forma de utilização destes espaços, os gestos, comentários e olhares que dirigimos para as crianças, as repressões e permissões, as falas e os silêncios transmitem as expectativas sociais em relação aos corpos e os gêneros que os corresponderiam.

Na mesma linha, Louro (2008) defende que a escola é uma instituição capaz de entender e produzir diferenças, desigualdades e distinções, tendo em vista que, desde seu início, separou os sujeitos, dividiu, ordenou classificou e hierarquizou os que nela se encontravam e, em determinados momentos, separou adultos de crianças, católicos de protestantes, ricos de pobres, meninos de meninas. A instituição escolar delimita espaços, separa, institui, designa o lugar de meninos e meninas, adultos e crianças e aponta modelos a serem seguidos.

É necessário olhar para a escola com criticidade e desconfiar do que nela seja tido como natural ou normal, dos assuntos silenciados, dos comportamentos que expressem condutas sexistas, machistas, racistas, entre outras. Só, assim, será possível compreender que, diante da realidade vivenciada, ela não aparecerá como um lugar neutro, mas como um local que, também, transmite e defende uma ideologia.

1.1 Os livros didáticos e a escola

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s – (BRASIL, 2001, p. 13) é um referencial que tem a função de [...] orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros [...] sendo organizado numa coleção de seis documentos referentes às áreas de Língua

Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, Arte, Educação Física; três relativos aos Temas Transversais e Ética, Meio Ambiente/Saúde e Pluralidade Cultural/Orientação Sexual, além de um livro de Introdução.

Por meio dos PCN's, os docentes encontram respaldo e sugestões para a prática pedagógica sobre diversos pontos, como autonomia, diversidade, organização do tempo de ensino e do espaço, bem como a seleção de material para ministrar aulas e conteúdos. É justamente nesse âmbito que o documento de introdução adverte que:

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino, brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e às eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. (BRASIL, 2001, p. 104)

O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD – tem como finalidade prover as escolas públicas de livros didáticos gratuitos escolhidos por professores dos diversos segmentos, a cada três anos. Atualmente, são as obras escolhidas pelo PNLD/2013 que estão sendo utilizadas nas instituições de ensino, uma vez que o PNLD/2016 está em fase de implantação. Esse programa tem como objetivo básico “a aquisição e a distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro” (BATISTA, 2001, p. 7).

A partir da experiência como professora, foi possível perceber que os livros didáticos são, basicamente, o principal material de consulta e acompanhamento das aulas, que os discentes possuem. Embora os educadores lancem mão de diversos recursos de ensino, os livros, sempre, são utilizados para resolução de exercícios, discussões e leituras, tendo em vista que as condições financeiras das escolas e a exaustiva carga horária dos professores nem sempre permitem que esses analisem, profunda e criticamente, a ideologia do material que está sendo veiculado nas aulas.

Com essa mesma percepção Nath-Braga (2013, p. 94) declara que:

[...] O LD se insere como um instrumento de propagação de ideologias, que chega facilmente às mãos de educandos e educadores, oferecendo textos e temas que podem naturalizar a discriminação de certos grupos, reafirmar uma compreensão patriarcal de família, excluir negros, homossexuais, índios, sem terra, entre outros. Nem sempre tais discursos são analisados sob outro prisma, além do que o LD sugere. As ideologias podem estar de tal forma naturalizadas, que pode ocorrer de seus interlocutores, professores e alunos não perceberem a intenção intrínseca a esse material.

Tendo em vista sua ampla utilização nas salas de aula e as ideias veiculadas por ele próprio, Marcuschi e Ledo (2015, p. 157), consideram que “urge ampliar as pesquisas a ele relacionadas, na perspectiva de melhor compreendê-lo e com vistas a modifica-lo, dados os desafios postos pela contemporaneidade para a escola”.

Na visão de Nath-Braga (2013), os livros didáticos exercem sua função de poder, à medida que veiculam ideologias dominantes e oferecem aos discentes uma versão, por vezes, unilateral da realidade o que tem por consequência a naturalização de preconceitos sociais e o fomento da desigualdade, pois ajudam a perpetuar relações de dominação entre etnias diversas e entre gêneros, principalmente, de modo velado.

1.2 Gênero e representação

No que tange ao conceito de representação, para desenvolvimento deste trabalho, considerou-se aquele proposto por Louro (2008), no qual representação é tida como uma forma de apresentação, um modo de fazer referência a um grupo ou a um sujeito, não sendo essa, apenas, um reflexo da realidade. Diante desse conceito, para a autora não cabe questionar se a representação faz correspondência com o que é real, contudo, o que vale discutir é sobre quais os sentidos e efeitos que as representações produzem sobre os sujeitos.

Como representações das identidades estão, intrinsecamente, relacionadas a questões ideológicas e de poder, algumas delas ganham mais visibilidade e *status* do que outras. Isso porque os grupos dominantes têm mais acesso aos meios de comunicação e

maior chance de reprodução de suas identidades, acrescido do fato de que tais representações são tidas como “melhores”, “desejáveis”, ou seja, o padrão a ser seguido, enquanto aquelas que fogem a esse padrão estão fora da “normalidade”. (MARCUSCHI; LEDO, 2015, p. 155)

Como visto, a representação está intimamente ligada à ideologia que grupos dominantes pretendem difundir. Haveria esses grupos, também, por trás dos livros didáticos?

Gênero é outro conceito importante para o desenvolvimento dessa investigação. Utilizado no Brasil, a partir do final dos anos 80, pelas feministas, o termo já foi empregado como categoria social em oposição ao determinismo biológico e relacional, tendo em vista que sua construção se dá por meio das relações.

O gênero, ainda, é constituinte da identidade dos sujeitos. Nas palavras de Louro (2008, p. 25):

ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito [...] pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva, admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos.

Os estudos sobre gênero mais, objetivamente, sobre sua veiculação nos livros didáticos têm suscitado interessantes trabalhos de pesquisa, na atualidade. Neste contexto, é importante pensar que a utilização das imagens nele veiculadas, muitas vezes, serve para reforçar os estereótipos impostos como verdades sociais. As relações de gênero expostas reiteram, fielmente, o papel designado pela sociedade ao homem e à mulher, “separando suas atividades, lugares de atuação, questões relacionadas à profissão e outros.” Desse modo, “é muito importante que haja discussão da questão *gênero*, em sala de aula, quando se constata que, em termos de identidade sexual, a escola e a sociedade têm expectativas definidas em relação ao papel do menino e da menina.” (OLIVEIRA, 2011, p. 144, destaque nosso).

1.3 Análise do material

Para analisar nossa hipótese de trabalho relativa à veiculação de uma concepção sexista no âmbito dos materiais didáticos oficiais da escola, propusemos-nos a fazer uma pesquisa qualitativa na qual foram analisados 22 (vinte e dois) livros utilizados, atualmente, no segmento dos anos iniciais do ensino fundamental pela Escola Estadual Pedro Faria, localizada em Governador Valadares, sendo todas as obras pertencentes ao PNLD 2013/2015.

A predileção pela pesquisa com os livros de todos os componentes curriculares se deu, basicamente, pelo desejo de formar um corpus de análise composto por muitas e diversificadas imagens, tendo em vista que, desde o início, considerou-se a hipótese de que em algumas obras não seriam encontradas imagens relevantes para essa discussão o que foi confirmado, posteriormente. Do total de 22 livros analisados, em 10 a representação da mulher foi mínima, o que nesse desenvolvimento foi considerado como não-imagem, ou não ocorreu do modo investigado por esta pesquisa.

Os componentes curriculares são integrantes das seguintes coleções:

- **Geografia:** 04 exemplares (2º, 3º, 4º e 5º), sendo um exemplar de cada ano descrito, dos quais apenas os exemplares do 2º e 3º anos apresentaram imagens consideradas na análise.

Livro: Geografia (Projeto Buriti)

Ilustrador: Celso Longo

- **Matemática:** 05 exemplares, sendo um exemplar de cada ano descrito; todos apresentaram imagens consideradas na análise.

Livro: Pode contar comigo – alfabetização e letramento: (exemplares do 1º, 2º e 3º ano)

Ilustradores: Ilustra Cartoon e Glair Arruda

Livro: Aprender juntos matemática (exemplares do 4º e 5º ano)

Ilustradores: All Stefano, Alex Coi, Allmaps, AMJ Stúdio, Ian Viega, Ivan Coutinho, Ilustra Cartoon, Jotáh Ilustrações, Júlio Senatore, Leninha Lacerda, Lima, Marco A. Cortez, Marina Ueno, Mário C. Pita, Petra Elster e Setup Bureau.

- **História:** 04 exemplares (2º, 3º, 4º e 5º), sendo um exemplar de cada ano descrito, dos quais apenas o exemplar do 2º ano apresentou imagens consideradas na análise.

Livro: Aprender juntos história: ensino fundamental

Ilustradores: Allmaps, Al Stefano, Ilustra Cartoon.

- **Ciências:** 04 exemplares (2º, 3º, 4º e 5º), sendo um exemplar de cada ano descrito, dos quais apenas o exemplar do 2º ano apresentou imagens consideradas na análise.

Livro: Ciências: ensino fundamental (manual do professor)

Ilustradores: André Valle, Cibele Queiroz, José Luis Juhas, Luiz Maia, Marcel Borges, Marcella Capelletti.

- **Alfabetização/Língua Portuguesa:** 05 exemplares, sendo um exemplar de cada ano descrito, dos quais apenas os exemplares do 3º, 4º e 5º anos apresentaram imagens consideradas na análise.

Livro: A aventurada linguagem: letramento e alfabetização (exemplares do 1º, 2º e 3º ano)

Ilustradores: Claudio Martins e Mariana Haddad

Livro: Aprender juntos língua portuguesa (exemplares do 4º e 5º ano)

¹Ilustradores: Allmaps, Andrea Vilela, Claudia Scatannacchia, Cecília Esteves, Erika Onodera, Estúdio Mil, ID Studio, Ilustra Cartoon, George Tutumi, Guilherme Vianna, Jotáh Ilustrações, Leninha Lacerda, Lettera Stúdio, Lie Kobayashi, Marco Vogt, Mariângela Haddad, Marina Ueno, Marjorie Aun, Mirella Spinelli, Pepe Casals, Priscila Sanson, Roberto Zoellner, Rodrigo Rosa.

¹ Percebe-se que, vários dos profissionais descritos participaram como ilustradores de mais de um livro das coleções citadas.

Para fins de sistematização, foram distinguidas e recortadas imagens sugestivas que, assim, compuseram um *corpus* de análise. As imagens que compõem o conjunto analisado foram, ainda, subdivididas em três categorias: relação familiar, trabalho e relação social e educação de crianças. A análise dessas categorias foi orientada e desdobrada pela problematização descrita no plano de análise, abaixo. Ressalta-se que os questionamentos formulados em cada categoria tentam contemplar as ponderações apresentadas no primeiro capítulo, quais sejam: gênero, representação e livro didático.

Relação familiar: Qual o perfil de mulher, retratado no livro? Que papel a mulher desempenha na família? Aparece, ainda, como dona-de-casa, executando funções domésticas e cuidando dos filhos? É perceptível a posição hegemônica do homem em relação à mulher quando esse aparece nas imagens?

Trabalho e relação social: Há representação da mulher no ambiente profissional? Quando sim, em quais profissões ela aparece, exercendo? As profissões desempenhadas por elas estão vinculadas ao cuidado ou demais práticas que remetem ao estereótipo de mulher, como sujeito? Quando em ambientes nos quais há a presença de profissionais do sexo masculino e do feminino, evidencia-se equilíbrio entre as atividades profissionais? A mulher aparece em posições de subalternização ou de liderança?

Educação de crianças: Como é verificada a representação do ser menino e do ser menina nas imagens? As crianças aparecem estereotipadas? É verificada alguma interação entre meninos e meninas? Caso sim, como acontece? Em que ambientes as meninas são apresentadas e quais atividades executam nesses ambientes?

Para melhor apresentação dos resultados obtidos com a análise, dividiu-se o corpus de análise em dois capítulos: um para versar sobre a mulher, no ambiente familiar, ou seja, interno à sociedade, e outro para versar sobre sua apresentação no ambiente externo, compreendendo o meio de trabalho e a escola, com a educação de crianças.

2. MÃE, ESPOSA E O QUE MAIS? OS LIVROS DIDÁTICOS E ELAS NO AMBIENTE FAMILIAR

A discussão dos resultados, a partir de tais questões, teve como principal objetivo verificar se a ideologia perpetuada pelos livros didáticos acompanha o discurso de empoderamento feminino, em voga atualmente, e como contribui para a desmistificação do papel da mulher, outrora imposto pela sociedade patriarcal. Ante o exposto, segue, abaixo, os resultados encontrados:

a) **Relação familiar**

Para responder aos quesitos de análise, estabelecidos, foram selecionadas 11 imagens, retratos e fotografias que exteriorizam os papéis desempenhados pelas mulheres no seio familiar. Dentre essas, 08 as retratam no tradicional papel de dona-de-casa, em uma família nuclear correspondente ao molde tradicional, estando envolvida em trabalhos domésticos e cuidando dos filhos, conforme demonstrado a seguir:

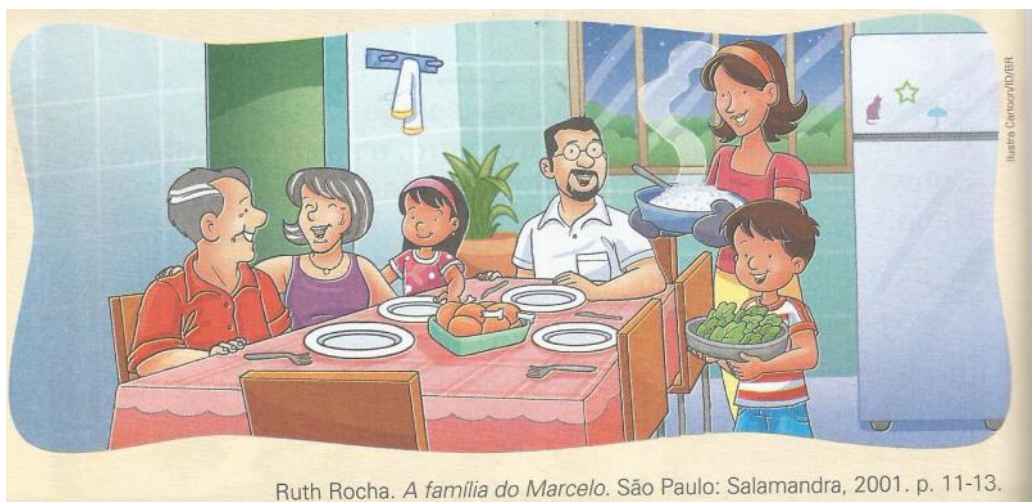


Figura 01: Livro de História – 2º ano – p. 44



Figura 02: Livro de português – 5º ano – p. 180



Figura 03: Livro de matemática – 1º ano – p. 27

Em primeiro plano, as figuras 01, 02 e 03 retratam mulheres no típico papel de dona-de-casa, envolvidas nos afazeres domésticos. Nessas imagens, é perceptível a representação das figuras femininas através de cores tidas como suaves ou alegres: vermelho, rosa, alaranjado ou verde. O espaço no qual se encontram, nas três imagens, é a cozinha, ambiente em que grande parte das atividades domésticas é desempenhada: lavar louças, preparar alimentos para as refeições e cozinhar.

Na figura 01, aparecem dois homens dentre os personagens, sendo que um deles, o de blusa branca, ocupa a tradicional cadeira de honra da mesa que, nas famílias nucleares tradicionais, é destinada ao pai/marido. Enquanto a mulher se

ocupa da preparação da mesa de refeição, o casal, que parece estar no papel de visitante, aparece de modo distraído, aguardando o momento de ser servido. Nota-se, curiosamente, que é sugerida uma inversão dos papéis ao mostrar que quem ajuda a mulher, que põe a mesa, é o menino e não a menina, como de costume.

Na figura 02, novamente, no ambiente da cozinha, a mulher é retratada no papel de dona-de-casa, desempenhando a atividade de cortar alimentos, de mãe, quando, assim, chamada por seu filho, o Menino Maluquinho e, também, de esposa. Em relação ao papel de esposa, destaca-se a clara demonstração do amor romântico na cena, trazida à tona pela visão emotiva e pela passividade feminina dentro do casamento quando a mãe, sendo interrogada pelo filho sobre por que ela e o pai são casados, responde: “É porque a gente se ama”. A presença do menino e o diálogo estabelecido com a mãe permitem perceber que há entre eles a relação maternal exprimida pelo cuidado da mãe para com o filho, pois é ela quem responde as interrogações dele e, com ele, estabelece uma relação preferencial. O pai/marido ausente é referido na cena como aquele com quem o menino deve identificar-se.

A figura 03 expõe uma mulher adulta e uma menina não sendo possível verificar que ligação familiar ou fraternal há entre elas, uma vez que, no plano textual, a menina não a chama pelo nome nem por qualquer termo que denote parentesco. Ambas parecem organizar compras dispostas em uma mesa, sendo sugerido, pelo contexto, que a mulher comprou os alimentos e os trouxe para a casa, pois está com a bolsa no ombro e a carteira na mão, demonstrando outra tarefa, tradicionalmente, delegada às donas-de-casa. A menina a acompanha nessa tarefa, reproduzindo a correspondência entre sexo e função social.

Nesse aspecto, em todas as figuras, observa-se a divisão sexual do trabalho, uma vez que em todas elas aparecem as mulheres executando tarefas domésticas, com a ajuda das crianças.

[...] a divisão sexual do trabalho está, intrinsecamente, relacionada às relações sociais de sexo; ambas formam um sistema. As relações sociais de sexo entre os grupos são antagônicas; as diferenças entre as práticas dos homens e das mulheres são construções sociais que têm uma base material e ideológica; baseiam-se em relações hierárquicas de poder e de dominação. Nessa divisão, as mulheres realizam tarefas e espaços de poder diferenciados dos homens, dentre elas, as tarefas domésticas, atribuindo, prioritariamente, às mulheres a responsabilidade com os cuidados do lar. (BARBOSA; SOARES, 2012, p. 8- 9)

Nas duas últimas imagens descritas, não há uma presença masculina explícita dentro do lar, o que remete à ideologia presente na sociedade patriarcal de que aos homens é destinado o espaço público, exterior ao lar, no qual desempenha suas atividades profissionais, enquanto a mulher é subjugada ao espaço privado da casa, no qual exerce as funções de dona-de-casa e de mãe de família.

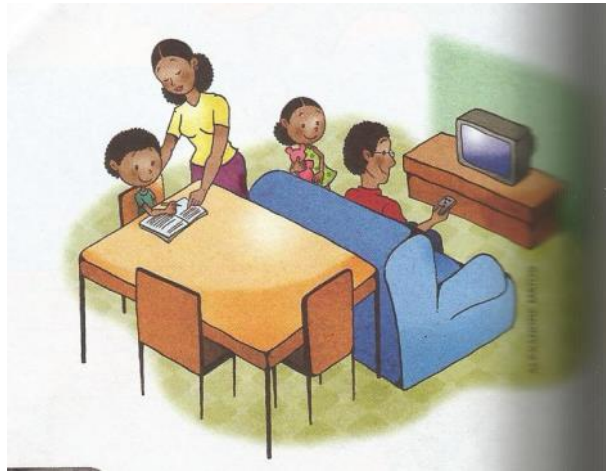


Figura 04: Livro de Geografia – 2º ano – p. 4

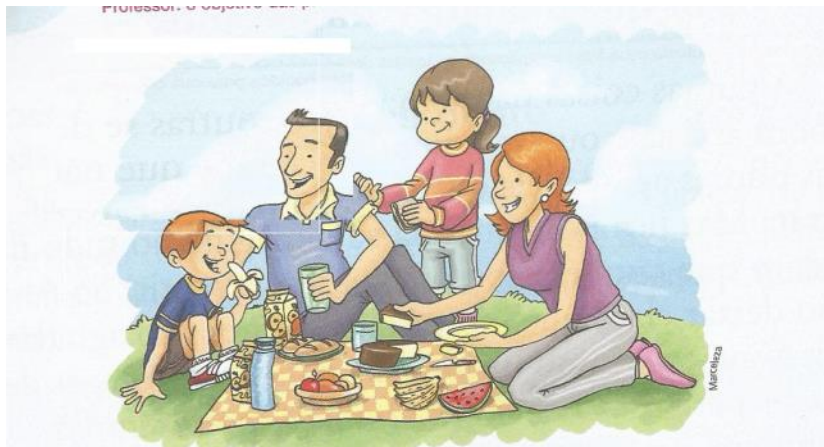


Figura 05: Livro de Ciências – 2º ano – p. 50

A figura 04 é representada na sala, espaço da casa destinado, preferencialmente, ao lazer e ao descanso, com a presença de homem e mulher adultos e duas crianças o que sugere os papéis respectivos de pai, mãe, filho e filha.

Nela, vê-se o sexismo em dois planos: os estereotipados papéis de menina e de menino no ambiente familiar, observando-se que, enquanto o menino desempenha uma atividade intelectual, realizando um dever de casa ou lendo um livro, a menina concentra-se em brincar com um urso rosa, cor que reforça o estereótipo de feminilidade; a separação de papéis de homem e mulher adultos. Observa-se que a mulher, novamente, é subjugada ao rotineiro cuidado para com os filhos, com a tarefa de auxiliar na resolução de exercícios, ao passo que o homem desfruta de momentos de lazer como assistir televisão enquanto reproduz um comportamento masculino típico que é o monopólio do controle remoto. Observa-se, também, que há negligência em relação à menina, pois ele não estabelece nem mesmo um contato visual com esta, que o olha fixamente.

O sexismo retratado na figura está vinculado, especialmente, sobre o modo de divisão das tarefas domésticas e atribuições pessoais: mulher ensina filho, enquanto homem tem momento de lazer; menina brinca enquanto menino desenvolve o intelecto. Desse modo:

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. [...] (LOURO, 2008, p. 45)

Intensificando a separação de papéis, no contexto familiar, a figura 05, embora não retratada dentro de uma casa, transmite, de forma sutil, a mesma ideia de segregação das mulheres, uma vez que, em um ambiente de lazer e descontração, como um piquenique, as figuras femininas, provavelmente mãe e filha, servem alimentos às masculinas, provavelmente, pai e filho, que aparecem já saboreando fruta e bebida, enquanto aquelas nada comem e, apenas, servem.

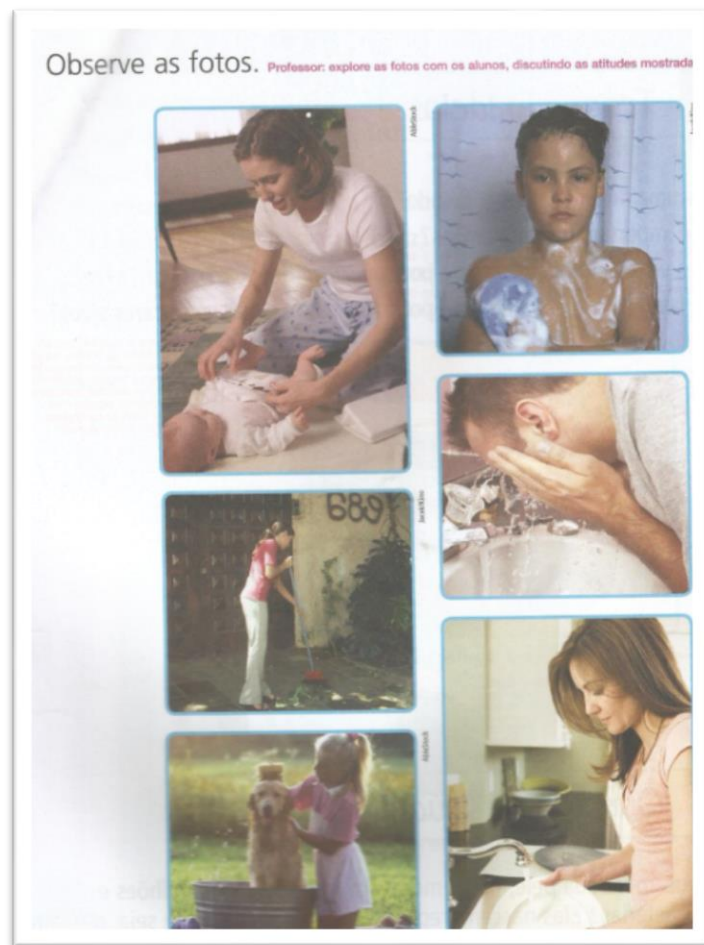


Figura 06 – Livro de Ciências – 2º ano – p. 32

A figura 06 é um conjunto de 06 fotografias que retratam hábitos de higiene praticados pelas pessoas, rotineiramente. Dentre essas, três retratam mulheres, duas retratam crianças e uma retrata um homem. Interessante perceber que, até mesmo naquelas em que aparecem as crianças, é evidenciado o caráter de cuidado para com o outro, o que é perceptível no sexo feminino. A menina que, aqui também, é caracterizada com roupas e adereço rosa, no cabelo, cor essa usada, frequentemente, para marcar a feminilidade, está cuidando de um cachorro, enquanto o menino, que toma banho, aparece desempenhando um cuidado pessoal.

O que mais se destaca na figura 06 é que as três fotografias, que exibem mulheres, retratam-nas desempenhando atividades de mãe e dona-de-casa: trocar fralda em um bebê, varrer calçada e lavar pratos, sem a presença sequer de um homem, auxiliando-a. Enquanto isso, o único homem retratado está lavando o rosto

em uma pia. Essa desproporção reitera e corrobora com o pensamento de que as atividades domésticas e o cuidado com os filhos devem, por obrigação, ser destinados às mulheres, na intimidade do lar, e o homem, que não tem essas preocupações, deve ter tempo para cuidar de si.



Figura 07: Livro de matemática – 4º ano – p. 198



Figura 08: Livro de História – 2º ano – p. 37

Finalizando a descrição das figuras que exibem as mulheres em atividades domésticas e maternas, segue as figuras 07 e 08 que, embora façam menção ao molde tradicional de família, admitem, de modo muito incipiente, a existência de modelos modernos e mais próximos da realidade atual. Dizemos incipiente porque na diversidade familiar que ambas evidenciam, não se verificou a existência de casais interracialis e nem mesmo homossexuais que, também, compõem os novos modelos familiares.

A figura 07, embora retrate um hábito rotineiro, o de lanchar, no ambiente da cozinha, chama a atenção por retratar duas crianças e uma mulher, mais senhora, ocupando a *cadeira principal* à mesa, lugar, geralmente, destinado ao chefe de família durante as refeições, como elucidado na figura 01. Essa disposição das cadeiras permite levantar os seguintes questionamentos: a colocação da mulher na *cadeira principal* seria pelo fato de, na casa apresentada, não haver o homem, chefe de família e se tratar de uma família composta só de mãe e filhos? Seria a imagem sugestiva da mentalidade patriarcal de que, enquanto a mulher se ocupa da educação dos filhos e dos afazeres domésticos, o homem/pai se dedica, como provedor, às tarefas laborais, externas ao ambiente familiar?

A figura 08, como o próprio título elucidada, retrata *diferentes famílias*, sendo contempladas: de pai ou mãe sozinhos (01); nuclear (02); composta por vários membros de um grupo familiar, como primos, tios, netos, pais e filhos (03); formada por avós e netos (04). Além de, pela primeira vez, ser verificada na análise dos livros os diversos tipos de família, outro ponto que merece destaque é o de que na fotografia 01, que faz alusão às famílias compostas por pai ou mãe, sozinhos, há a representação de uma mulher lendo para uma menina o que, pelo contexto, remete à conclusão de que a primeira seja mãe da segunda.

Uma vez que o intuito da página é demonstrar os vários tipos de família e admitir que há pessoas que cuidam de seus filhos sem a presença de um cônjuge/companheiro, pode-se pensar que, se no lugar da mãe e da filha houvesse a representação de um pai e seu/sua filho/filha, o livro contribuiria para a desmistificação da ideia pejorativa, sempre muito presente na sociedade de que, apenas, as mulheres que criam os filhos sozinhas, são *mães solteiras*, pois é muito

difícil ouvir a expressão *pai solteiro* em relação aos homens que têm filhos sem estarem casados.

Ignorar ou silenciar a representação de famílias monoparentais formadas, apenas, por um genitor ou genitora e sua prole, principalmente, aquelas em que há, somente, a figura do homem adulto e sua prole, vai de encontro às novas configurações pelas quais passa essa instituição, haja vista que, na atualidade, tem crescido o número de famílias nas quais, apenas, o homem exerce as obrigações de cuidado e educação dos filhos.

Em tempos mais remotos, quando o homem encontrava-se compelido à monoparentalidade, muitas vezes, por não se sentir capaz ou obrigado a tal tarefa, em geral, transferia a responsabilidade dos filhos para alguma figura feminina. Na atualidade, mesmo perante a ausência de uma companheira, é mais corriqueiro evidenciarmos a existência de homens que aceitam, facilmente, os encargos decorrentes da monoparentalidade. (SOUSA, 2008, p. 45)

Dentre as 11 imagens que retratam as mulheres no ambiente familiar, foram encontradas 02 que, embora minoria, servem como exemplo de atitudes que valorizam o empoderamento feminino, fazendo referência, implicitamente, aos pressupostos do movimento feminista, outrora mencionado.



Figura 09: Livro de história – 2º ano – p. 46



Figura 10: Livro de português – 5º ano – p. 119

Uma das lutas travadas por esse movimento foi sobre a divisão igualitária dos trabalhos domésticos entre homens e mulheres, entretanto, ainda é tabu essa realidade em muitos lares brasileiros. Nesse contexto, as figuras 08 e 09 se distanciam das demais porque expõem duas situações em que os homens desempenham tarefas tipicamente resguardadas às mulheres.

A figura 09 incita à distribuição das tarefas domésticas entre os moradores da casa, trazendo em primeiro plano a expressão *no dia a dia, todos podem ajudar nas tarefas de casa*, composta por duas imagens: na primeira, enquanto um homem chega a uma sala e encontra um menino brincando, uma mulher lava vasilhas sendo auxiliada por uma menina; na segunda, outro homem lava vasilhas sendo auxiliado, também, por uma menina, enquanto a mulher alimenta um bebê. As semelhanças físicas como cor da pele, tipo de olhos e cabelo permitem concluir que se trata de membros do mesmo grupo, configurando uma família nuclear.

Essa imagem, ainda, tem a peculiaridade de, nos dois casos, apresentar uma garota e não um garoto auxiliando a mãe ou o pai, na lavagem de vasilhas. Dessa forma, embora se considere que a imagem traz, em sua essência, uma subversão dos *tradicionais papéis* domésticos que são desempenhados por homens e mulheres, observa-se, também, que ela reforça o pensamento de que o auxílio nas tarefas domésticas cabe às filhas mulheres e não aos filhos homens. Outro detalhe significativo é o emprego da palavra *ajudar*, o que dá margem à interpretação de que as tarefas de casa são incumbência de alguém, por costume, a mulher, e que os demais devem, apenas, auxiliar e não assumi-las como obrigação.

Nesse sentido, a forma como se constitui o trabalho na sociedade capitalista reforça as desigualdades entre homens e mulheres no mundo do trabalho, na medida em que atribui maior valor ao trabalho produtivo e menor valor ao trabalho reprodutivo. Nesse processo, as mulheres não se reconhecem como trabalhadoras quando não estão no mercado de trabalho formal [e] as tarefas executadas por elas no espaço doméstico não são consideradas como trabalho, porque não são remuneradas, mas realizadas como parte das “obrigações femininas” exigidas pela sociedade. (BARBOSA; SOARES, 2012, p. 4)

A figura 10 traz uma sequência de imagens nas quais o pai de Cascão o coloca para dormir e se dispõe a contar história, a que ele mais gosta; outra atitude incomum uma vez que, costumeiramente, é executada pela mulher/mãe. O cuidado masculino para com o filho, nessa cena, permite duas leituras: a primeira diz respeito à alusão da existência de pais solteiros que criam e cuidam de seus filhos; já a outra está relacionada à divisão de tarefas no lar, como já comentada na imagem anterior, em que a atenção aos filhos deve ser tarefa, igualmente, destinada a homens e mulheres.

Por fim, segue a figura 11 a qual foi selecionada por retratar a mulher frágil dos contos de fada, fazendo menção ao mito do amor-romântico.

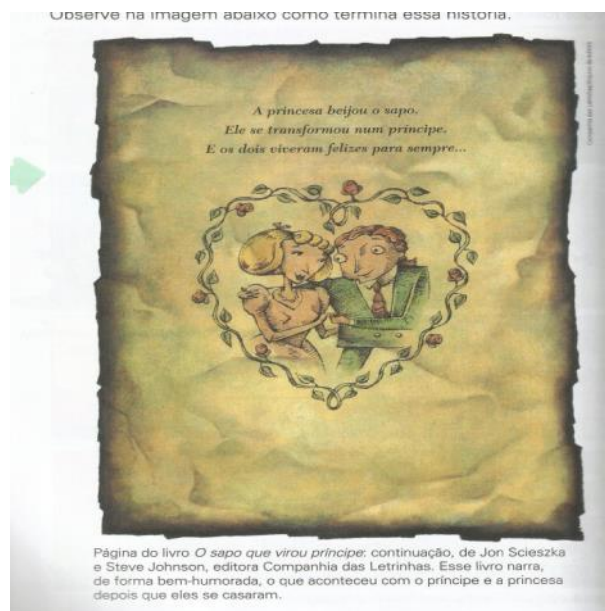


Figura 11: Livro de Português – 4º ano - p. 30

A figura 11 é representada pela capa do livro *O sapo que virou príncipe*, de Jon Scieszka, na qual consta a frase *A princesa beijou o sapo, ele se transformou num príncipe e os dois viveram felizes para sempre*. Beauvoir (1980) afirma que o casamento é o destino que a sociedade, por tradição, impõe à mulher. Sendo assim, a representação de um casal heterossexual, nesse contexto, traz, implicitamente, a ideia, enraizada na sociedade patriarcal, de que o casamento é o fim almejado pelas moças de família e para o qual elas foram preparadas. Logo, essa imagem não contribui para com a luta pelo empoderamento feminino e pela desconstituição dos padrões patriarcais.

Uma vez concretizada a análise das imagens que demonstram as mulheres no ambiente familiar passamos, então, a descrever aquelas que a retratam no ambiente profissional.

3 TRABALHO E ESCOLA: A MULHER E A MENINA NO ESPAÇO PÚBLICO

Para responder aos quesitos de análise propostos na categoria intitulada *Trabalho e relação social*, foram selecionadas 18 imagens, retratos e fotografias que retratam mulheres adultas, especialmente, no ambiente profissional. Dentre essas, verificou-se que, curiosamente, 07 retratam as mulheres desempenhando a função de professoras, conforme a seguir:



Figura 12: Livro de matemática – 2º ano – p. 65



Figura 13: Livro de português – 4º ano – p. 88

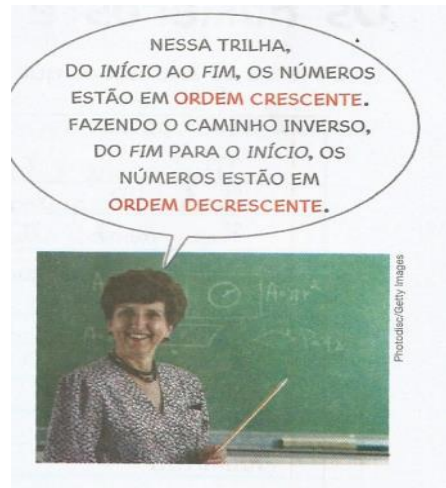


Figura 14: Livro de matemática – 3º ano – p. 25



Figura 15: Livro de matemática – 3º ano – p. 260



Figura 16: Livro de matemática – 5º ano – p. 159



Figura 17: Livro de português – 4º ano – p. 131



Figura 18: Livro de português – 4º ano – p. 89

O ambiente profissional retratado nas 07 imagens é o da sala de aula, no qual se nota que, apenas, na Figura 14 não há a presença de alunos, mas a da professora, em frente ao quadro negro. Essa figura remete ao descrito por Louro (2008) ao comentar como se dava, no passado, a representação dos (as) professores (as):

Os almanaques e os jornais, eventualmente, algumas revistas escolares, traziam [...] desenhos e caricaturas que as/os apresentavam como figuras carrancudas, severas (algumas vezes, as professoras pareciam quase bruxas, vestidas com roupas longas e fechadas e utilizando uma vara para apontarem o quadro-negro ou, então, uma palmatória). (LOURO, 2008, p. 105)

Dentre as 06 imagens que contêm a presença de alunos, na maioria delas estes são crianças (Figuras 12, 13, 15, 17 e 18). Apenas em uma o público parece ser de pré-adolescentes (Figura 16) o que remete à ideia de que os segmentos apresentados retratam o ensino regular. Não há a presença de adultos como alunos, logo, em nenhuma das imagens observadas, a mulher é uma docente do ensino superior.

A recorrência da representação das mulheres no papel de professora de crianças, ou seja, uma atividade cujo fundamento está nas funções de cuidar e educar, remete ao fim que a sociedade patriarcal, durante muito tempo, a condicionou: o da maternidade. O fato de nenhuma imagem mostrá-la como docente de universidade, espaço no qual as referidas tarefas dão lugar, apenas, à instrução e transmissão de conhecimentos, reforça a ideia de que, até mesmo no ambiente profissional, a mulher reproduz a maternidade.

A grande inserção de mulheres na docência das primeiras séries de escolaridade – feminilização – é reiterada nessas 07 ilustrações que expõem o ambiente educacional como o lugar do ofício feminino. Neste contexto, é considerável destacar a posição de Ferreira (2015, p. 31) ao declarar que:

[...] o preço que está sendo pago pela feminilização da docência é a consideração, já no âmbito do senso comum – uma “representação” -, de que a docência é um “trabalho de mulher”: deve ser executado por quem já estaria dotada pela “natureza” de saberes voltados ao “cuidar”; alguém que não seria o suporte econômico da família e que somente estenderia as tarefas, já realizadas na esfera privada, para a esfera pública. A docência transformou-se, assim, numa *vocação* feminina, e considera-se que quem está vocacionada executa o seu ofício por amor ao próximo, não sendo necessário que sua remuneração seja condigna e nem que a mesma esteja associada à formação recebida. [...]

A representação nos livros da mulher como profissional, ou seja, sujeito no espaço público, serve como incentivo ao empoderamento feminino, entretanto,

reiterar sua atuação como docente, apenas, de crianças e não dos demais segmentos de ensino, principalmente do ensino superior, poderá servir de reafirmação da ideia patriarcal de que o casamento e a maternidade são o fim destinado às mulheres e que, conforme nos diz Louro (2008, p. 96-97):

Qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminilização, o magistério precisa, pois tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente.

Assim, na perspectiva da reiteração de funções, tradicionalmente, impostas às mulheres, segue as figuras 19, 20, 21 e 22 que retratam mulheres desempenhando o ofício de cozinheira.

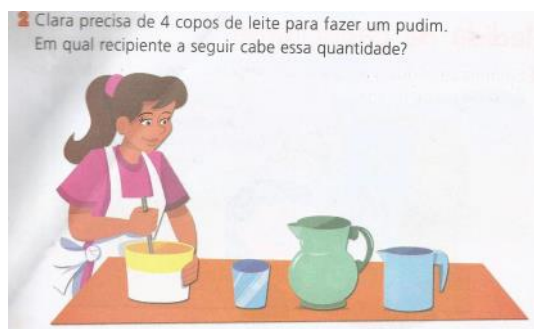


Figura 19: Livro de matemática – 1º ano – p. 150



Figura 20: Livro de matemática - 1º ano – p. 133



Figura 21: Livro de matemática – 5º ano – p. 172



Figura 22: Livro de matemática – 2º ano – p. 48

Optou-se por analisar as quatro figuras, acima, no tópico da relação profissional e não da relação familiar pelo fato de não haver, em nenhuma delas, elementos que sugiram o ambiente de uma casa, bem como pessoas que denotem relação de parentesco, como nas 11 imagens elencadas no referido tópico.

Essas imagens se aproximam por retratar as mulheres, de maneira similar, com roupas em cores repetidas, vermelho e rosa, e cabelos amarrados (19, 20 e 22) ou presos (21), sendo empregadas para ensinar conteúdos matemáticos acerca de quantidade (19 e 20), fração (21) e unidade de medidas (22). Chama a atenção, também, o fato de, apenas, em uma delas (22) haver a presença de um homem realizando a mesma função que a mulher do quadro vizinho.

Outro aspecto relevante é o fato de que, dentre as quatro mulheres retratadas nas imagens, apenas a duas foi dada manifestação de pensamento (21) ou de fala (22), ao passo que o único homem evidente, também, goza de abertura para falar. Neste contexto, ao analisar a proporcionalidade de falas para cada personagem: 02 expressões para 04 mulheres e 01 expressão para 01 homem, nota-se uma discreta

subjugação do sexo feminino ao masculino, uma vez que aquele, em determinados contextos (02 figuras), pode ser retratado passivo, apenas executando sua atividade manual, o que não ocorre com a representação do masculino, uma vez que, quando é retratado (01 figura), manifesta-se, verbalmente, além de, também, executar seu trabalho.

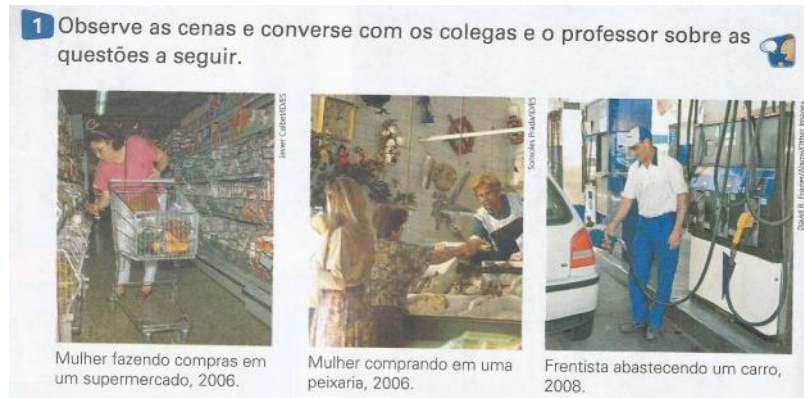



Figura: 23 - Livro de matemática – 4º ano – p. 216

A figura 23 retrata três ambientes profissionais: o supermercado, a peixaria e o posto de gasolina, nos quais aparecem as profissões de vendedora e frentista, não sendo retratado, no primeiro ambiente, nenhum profissional específico. Nas duas primeiras fotografias, aparecem mulheres na condição de clientes; no supermercado, uma escolhe produtos na prateleira e coloca no carrinho de compras, enquanto, na peixaria, uma paga pela mercadoria adquirida e outra aguarda o atendimento, o qual é feito, também, por uma atendente. Na terceira imagem, o profissional é um frentista, não sendo possível identificar qual o sexo do cliente, uma vez que, apenas, seu veículo aparece.


No conjunto de fotos que compõem a figura 23 a mulher, ao ser retratada como cliente, primeiro, de um supermercado e, depois, de uma peixaria, reforça, mais uma vez, a postura de dona-de-casa ao desempenhar a tarefa de fazer compras, posto que esta é uma atividade, tradicionalmente, desempenhada em seu dia a dia.

Letras que fazem a diferença

Na língua portuguesa, algumas palavras são parecidas na grafia e na pronúncia, mas apresentam sentidos diferentes. Veja um exemplo.



O **peão** alimenta os animais.



Os meninos estão brincando de **pião**.

1 Escreva uma frase no caderno usando a palavra **peão** e outra usando a palavra **pião**.


2 Que palavra pode ser usada nas frases abaixo: **cumprimento** ou **cumprimento**? Copie-as completando com a palavra adequada.

Cumprimento: extensão.
Cumprimento: 1. saudação.
2. realização.


a) O público recebeu o ★ do palhaço.



c) Qual o ★ desta fita?



b) O corretor informou o ★ do terreno.



d) O juiz exigiu o ★ do acordo.




Figura 24: Livro de português – 4º ano – p. 64

A figura 24, assim como a 25 que segue, posteriormente, é uma página inteira destinada a retratar ofícios a fim de ilustrar o conteúdo de parônimos. Nela são destacadas as profissões de peão, palhaço, corretor e juiz, sendo todas elas empregadas no masculino e, assim, representadas, sem haver, sequer, uma mulher executando-as. Evidencia-se o fato de que é a única imagem na qual aparecem mulheres trabalhando, o que faz alusão ao preparativo para uma costura, a medição de tecidos, em que o autor não empregou o nome de uma profissão, apenas inseriu a frase que deve ser completada pelo aluno.

O desequilíbrio nas relações de trabalho nessas ilustrações se dá em dois sentidos: o primeiro diz respeito ao não reconhecimento do exercício profissional de uma mulher, posto que, em vez de empregar o termo *costureira* naquela representação de duas mulheres medindo os tecidos, optou-se por ocultá-lo na frase em que o exercício pede que seja completada; já o segundo está vinculado ao

aspecto quantitativo, pois em um conjunto de cinco imagens, retratando o exercício de profissões, apenas em uma delas há a presença de mulheres.

Jeni Vaitsman (1994) discute a justificativa da predominância do homem à mulher apontando que o Estado patriarcal definiu as naturezas feminina e masculina como diferentes e desiguais, a partir da leitura de seus papéis no mundo público e privado, sendo o trabalho do homem considerado como produtivo, logo remunerado, e o da mulher, simplesmente doméstico. Como seu trabalho estava confinado dentro do lar e não representava ganho econômico, a sociedade definiu que a mulher deveria estar reclusa no ambiente privado, ou seja, seu domínio doméstico, tornando-se evidente que no interior das famílias burguesas, também, são percebidas hierarquias e relações que atestam as diferenças entre os gêneros.



Figura 25: Livro de matemática – 4º ano – p. 170

Na mesma perspectiva, a Figura 25 retrata as profissões de engenheiro, escritora, vendedora, dentista, professor e bombeiro, a qual se contrasta com a anterior pelo fato de apresentar equivalência no quantitativo de ofícios desempenhados por mulheres e homens: 03 profissões para cada sexo.

É válido ressaltar que, pela primeira vez, notou-se dentre os livros analisados a representação de um homem professor, entretanto, sua exposição, claramente, se afasta da representação que é feita da mulher professora, conforme imagens já discutidas acima. Nas palavras de Louro (2008, p. 107):

De um modo talvez um tanto esquemático, se poderia dizer que a representação dominante do professor homem foi - e provavelmente ainda seja - mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio “maternal” à aprendizagem dos alunos.

Ainda em relação à imagem masculina, não há a presença de alunos, apenas um quadro negro ao fundo no qual há uma representação matemática o que, aliada ao fato de haver uma mesa repleta de livros logo abaixo do quadro, denota que não se trata de um professor de educação infantil, mas de outros anos da escolaridade. Essa representação se contrasta com aquelas em que as professoras são mulheres, uma vez que, em sua maioria, as imagens as condicionam como docentes do ensino infantil. Ferreira (2015, p. 30) ao discorrer sobre o processo de feminilização da docência, lembra que:

Fale-se, também, da saída dos homens da docência de primeiras letras, atribuindo-se isso à criação de postos de trabalho mais bem remunerados numa sociedade que amplia sua urbanização e seu sistema de produção. [...] é mais preciso dizer não que os homens saíram da docência e as mulheres ocuparam seus lugares, mas que os homens não se interessaram em ocupar as novas vagas criadas, que foram, isso sim, tomadas por mulheres ávidas pelo direito ao trabalho e a ingressar em outros espaços públicos até então vetados a elas.

Em contrapartida, é importante comentar, também, a respeito da utilização de mulheres para retratar as profissões de dentista e de escritora, fator que serve de valorização do sexo feminino, uma vez que a primeira é uma profissão, tradicionalmente, desempenhada por homens no passado e a segunda é estreitamente ligada à criatividade intelectual.



Figura 26: Livro de Ciências – 2º ano – p. 33

A figura 26 corrobora com o descrito, acima, pois reforça que as imagens que retratam a mulher economicamente ativa ou desempenhando altos cargos são tímidas como, por exemplo, a valorização da mulher como dentista, ou seja, representante de uma categoria profissional tradicionalmente prestigiada. Nela destaca-se, também, o fato de os clientes da dentista serem negros, raça que, poucas vezes, aparece nas ilustrações.



Figura 27: Livro de matemática – 4º ano – p. 198



Figura 28: Livro de matemática – 4º ano – p. 189



Figura 29: Livro de português – 5º ano – p. 247

As figuras 27, 28 e 29 apresentam um supermercado, uma loja de brinquedos e um hospital como ambientes de trabalho nos quais tanto mulheres como homens desempenham suas atividades. A hegemonia se manifesta em todas as imagens pelo fato de que os homens estão em uma posição que inspira superioridade. Na figura 27, essa posição se dá porque os homens são retratados como médicos, profissão financeira e intelectualmente muito prestigiada em nossa sociedade, enquanto a mulher aparece como recepcionista, fator que sugere uma subordinação hierárquica em relação àqueles.

Na figura 28, a mulher desempenha a função de operadora de caixa e quanto ao homem não é possível verificar sua profissão, posto que está sendo apresentado, apenas, como cliente. Nota-se nessa imagem uma sutil *inversão* de papéis pelo fato de que, comumente, são as mulheres que aparecem como consumidoras nos estabelecimentos, nas cenas analisadas, ou seja, executam uma atividade corriqueira do dia a dia das donas-de-casa. Há, também, na ilustração 28 a valorização do trabalho feminino remunerado que é externo ao ambiente do lar.

Na figura 29, ressalta-se o fato de a mulher ser negra, pois a representação dessa raça é quase nula nas imagens observadas. Embora, também retratada como economicamente ativa na profissão de operadora do caixa, é o homem que aparece em posição de superioridade, uma vez que ele não apenas incorpora o papel de cliente, mas é quem, de fato, detém o poder de compra, o capital necessário para custear as despesas do filho que até o intitula de *papai de crédito*, posto que realiza para o menino o mesmo que o cartão de crédito realiza para qualquer consumidor.

Nos últimos 20 anos, as imagens de mulheres produzidas pela mídia já não exibem o cenário da domesticidade predominante nos anos

1950 – mães zelosas, esposas dedicadas, donas de casa eficientes -; os cenários atuais mostram um deslocamento que aponta para o estreitamento dos limites entre público e privado ao trazer à cena imagens de mulheres no trabalho, nos bares, na rua, ou de imagens de homens cuidando dos filhos ou fazendo compras no supermercado, atividades pensadas como “naturalmente” femininas. Esses novos cenários começam a aparecer no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, coincidindo com a retomada do movimento feminista no Brasil. (MISKOLCI, 2014, p. 68).

Concretizada a análise das mulheres, no ambiente profissional, passaremos, neste momento, para a discussão dos resultados obtidos quanto à educação de crianças, como foco na representação do ser menina, nos livros didáticos.

3.1 A educação de crianças

Esse último tópico de análise visa identificar como é representado o ser feminino na infância, por meio de observações quanto à educação, à interação entre as crianças e à ocorrência ou não de estereotipagem no que diz respeito aos sexos. No conjunto das 11 imagens analisadas, nesse aspecto, em 05 é verificada interação entre meninos e meninas, conforme a seguir:



Figura 30: Livro de matemática – 2º ano – p. 91

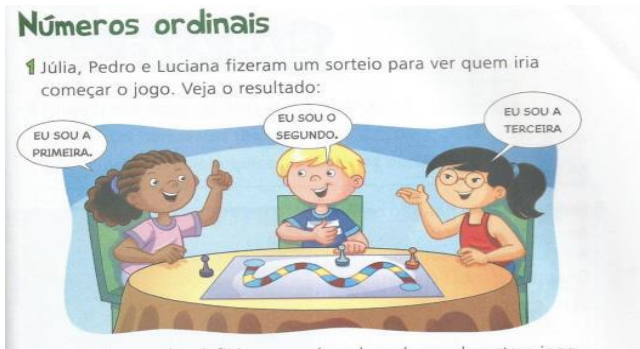


Figura 31: Livro de matemática – 2º ano – p. 23

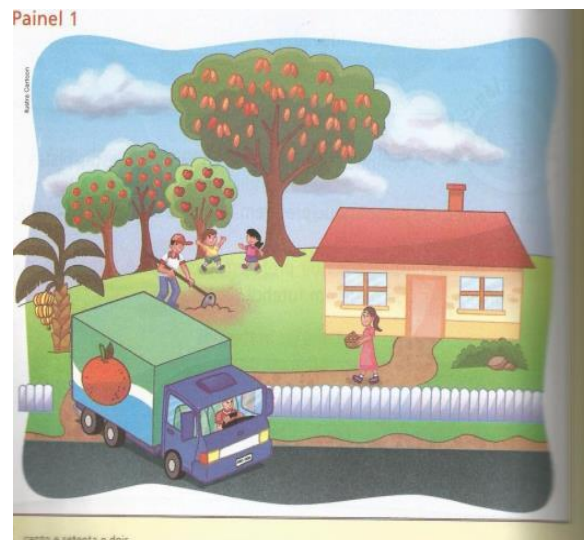


Figura 32: Livro de matemática – 1º ano – p. 172



Figura 33: Livro de matemática – 1º ano – p. 49



Figura 34: Livro de português – 4º ano – p. 131

As figuras 30, 31, 32, 33 e 34 retratam diversos ambientes nos quais meninas e meninos interagem através de brincadeiras (30, 32), jogos (31), execução de atividades na sala de aula (33) e pelo início da atração romântica (34). Nota-se a estereotipagem em relação à representação das meninas que, em todas as imagens, aparecem bastante femininas, usando adereços nos cabelos e vestimenta cor-de-rosa ou roxa, até mesmo, quando se trata de uniforme escolar (33).

Na figura 30, embora meninos e meninas dividam o mesmo espaço para brincar, observa-se, também, que os tradicionais padrões de masculinidade e de feminilidade são bem específicos no que tange à preferência pelos brinquedos. Sob a expressão *no fim de semana a turma se reuniu para mostrar as coleções preferidas*. Enquanto os garotos expõem as seleções de carrinhos e piões, as meninas expõem as de papel de carta e chaveiros. Retratar um menino com predileção por carros de brinquedo e meninas por objetos que não servem, necessariamente, para brincar, reforça a ideologia socialmente construída e, conseqüentemente, seguida por muitas famílias, de que os meninos podem praticar brincadeiras de movimento, em geral, enquanto as meninas devem ser mais comedidas, optando, na maioria das vezes, por brinquedos e brincadeiras que reforçam seu destino de mãe e dona-de-casa: brincar com bonecas e cozinhar.

Nesse aspecto, para Miskolci (2014, p. 51) “marcar a diferença entre o comportamento de meninas e meninos é, também, uma forma de alimentar modelos com os quais elas e eles *devem* se identificar para serem percebidas (os) como *mais femininas ou mais masculinos*” (grifo nosso).

Nas figuras 31, 32 e 33 a interação entre as crianças se dá por meio de brinquedos e brincadeiras que não sugerem segregação sexual aparente. As crianças são representadas jogando o mesmo jogo (31), brincando ao ar livre (32) e executando as mesmas atividades na sala de aula, havendo, na figura 33, a separação de uma dupla, composta por um menino e uma menina para cada atividade.

Destaca-se na figura 32 que, embora as crianças apareçam interagindo na mesma brincadeira, os homens são retratados desempenhando as funções de capinar e dirigir, enquanto a menina mais velha aparece carregando uma cesta com frutas, provavelmente, para alimentar os demais. Nessa representação, têm-se a separação sexista das atividades, posto que aos homens foram delegadas atividades braçais como capina e de controle como dirigir, ao passo que à mulher foi destinada uma ação relativa ao cuidado doméstico. Assim, a mulher

[...] foi caracterizada como frágil para determinados trabalhos e incapaz para outros, sendo cada vez mais subjugada ao espaço da casa, ao cuidado da família e ao seu “inexorável” destino de mãe. O mais grave desta questão é que a natureza também foi manipulada, porque todo este comportamento social foi constituído como natural, e estas representações introjetadas na cabeça das mulheres como uma verdade absoluta, natural, portanto, imutável (DUTRA, 2006, p. 4).

A figura 34 retrata a descoberta do amor infantil através de uma história em quadrinhos, sem manifestação verbal, que faz alusão aos contos de fadas. Nela, a menina aparece, provavelmente, presa numa torre, limitada ao ambiente privado, enquanto o menino é livre e desfruta do ambiente público. Este representa o papel de conquistador do coração da menina, o aventureiro, aquele que corre em busca de uma escada para ter acesso à amada. Esta imagem é muito presente nas histórias e contos infantis, de princesa, e reforça a ideia de que o homem é, por natureza, dominador, conquistador, destemido e corajoso.

Ainda que a imagem sugira romantismo entre os dois, percebe-se que a menina rompe com o padrão esperado de moça apaixonada, solicitando que o menino enamorado traga para ela um sorvete e não, apenas, a escada para facilitar o acesso entre os dois. Neste sentido, para Bertol (2014, p. 4), “em sua maioria, os livros didáticos, apresentam e representam dois mundos separados e opostos de

gênero: um mundo público masculino e um mundo privado feminino, com atividades distintas correspondentes a cada um dos gêneros.” A representação da menina restrita ao ambiente doméstico, o que faz alusão à personagem Rapunzel e do menino como o destemido apaixonado, reitera essa representação.

Destaca-se, novamente, o fato de que em um conjunto de 18 crianças identificadas: 10 meninas e 08 meninos, apenas, 03 (02 meninas e 1 menino) são negros.



Figura 35: Livro de matemática – 5º ano – p. 164 (ao apresentar exercício de frações)

A figura 35 apresenta uma mãe e uma filha dividindo alimentos para ilustrar o conteúdo matemático de frações. Destaca-se o fato de a filha reproduzir a atividade da mãe, dividindo os alimentos em partes iguais assimilando o comportamento dela, até mesmo, na cor da vestimenta com o emprego do rosa tanto na blusa quanto no avental da genitora.

A presença de uma menina e não de um menino ajudando a mãe nas atividades domésticas reforça a disparidade presente na educação, tradicionalmente, repassada aos filhos. Aos meninos, era destinada a vida pública, enquanto as meninas eram relegadas ao ambiente privado. Beauvoir (1980), ao analisar as divergências na criação dos filhos, problematiza que os meninos gozam de maior liberdade para realizar os exercícios de seus interesses e lazer, ao passo que a educação das meninas é limitada ao aprendizado de funções domésticas. O menino, desde cedo, usufrui da liberdade dada pelos pais para dedicar-se às práticas esportivas; a menina é obrigada a conciliar suas atividades externas, sejam

estudantis, profissionais ou esportivas, com as tarefas do lar, ao chegar à sua casa. Na maioria das vezes, a imposição de tais tarefas é feita pela própria mãe.

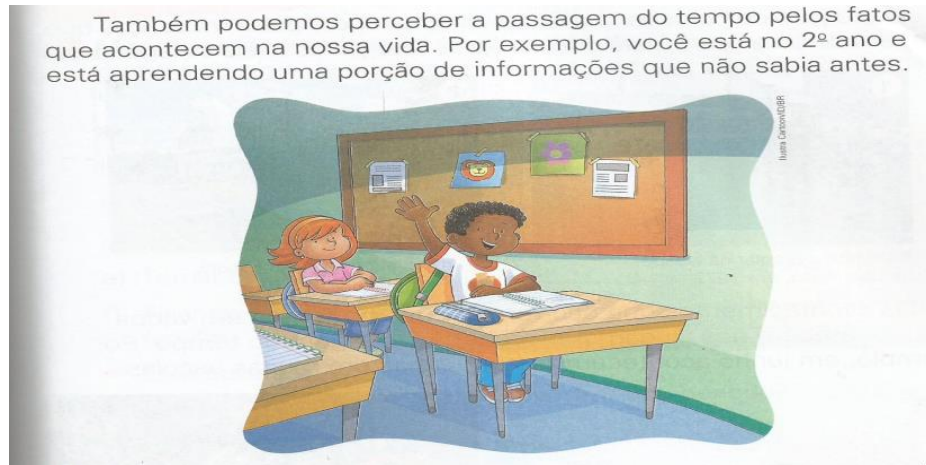


Figura 36: Livro de história – 2º ano – p. 21

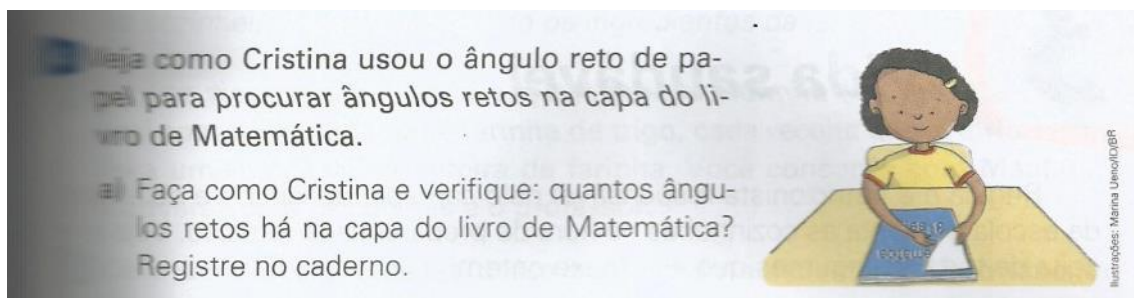


Figura 37: Livro de matemática – 4º ano – p. 189

As duas figuras, acima, retratam meninas na sala de aula (36) e estudando em um ambiente que não é possível identificar (37). Na primeira imagem, a menina branca aparece de modo estereotipado o que reforça sua feminilidade: blusa rosa, adereço no cabelo, brincos, pernas fechadas, postura ereta, logo atrás de um menino que pede permissão para intervir na aula. Na segunda, chama a atenção o fato de a menina negra apresentar, apenas, o adereço de cabelo para reforçar sua feminilidade.

Beauvoir (1980) comenta que na sociedade patriarcal, a partir da puberdade, tornou-se comum a perda do entusiasmo para realização de atividades intelectuais e artísticas por parte das meninas devido ao fato de essas não receberem o mesmo incentivo que os irmãos e meninos, em geral, para destacar-se nessas atividades.

Logo, haver nos livros didáticos imagens de meninas, principalmente, quando negras (37), dedicando-se aos estudos e às atividades intelectuais, desde a mais tenra idade, colabora com a subversão dos limites impostos, tradicionalmente, pela sociedade em relação ao que deve ser mais importante para cada sexo, contribuindo, dessa maneira, com o empoderamento feminino.



Figura 38: Livro de Geografia – 2º ano – p. 36

a) Lance uma moeda e registre o resultado obtido em cada lançamento colocando um X no quadro.

Lançamento	Cara	Coroa
1º		
2º		
3º		
4º		
5º		
6º		
7º		
8º		
9º		
10º		

Figura 39: Livro de matemática – 2º ano – p. 117



Figura 40: Livro de matemática – 2º ano – p. 16

Reforça-se, nas três últimas figuras, o padrão de feminilidade proposto em todas as imagens nas quais aparecem as crianças. Na figura 38, destaca-se, logo de início, a organização de um quarto, majoritariamente, rosa, no qual roupas de cama, cortinas e, até mesmo, um móvel são representados nessa cor. A menina Flávia, dona do quarto, é colocada de costas, motivo pelo qual não é possível detalhá-la.

Na figura 39, a menina é representada com cabelos longos soltos, vestindo um conjunto de camiseta rosa, saia vermelha e sapatos, também, rosa. Em sua camiseta, há um coração que evoca o lado sentimental, doce e frágil, socialmente, considerado como característica feminina.

A figura 40 mostra a fila de uma bilheteria com garotos e garotas que aguardam o atendimento. No conjunto de 15 pessoas, 09 do sexo masculino e 06 do feminino nota-se que, apenas, nas meninas, sendo três no total, é utilizada a cor rosa na roupa ou em algum adereço.

Feijó (2005) explica que a insistência em retratar as meninas e mulheres com objetos, acessórios e vestimentas na cor rosa, para marcar a feminilidade dessas, ganhou força no século XIX, sendo baseada em uma lenda europeia que ensinava que as meninas nasciam de rosas e os meninos de repolhos azuis. Anteriormente a esse período, a cor preta é que era mais utilizada para vestir os bebês do sexo feminino, uma vez que representava a fertilidade, na cultura oriental.

A representação das crianças evidenciou, na maioria das imagens, a reiteração do estereótipo de menina frágil e delicada, retratada, principalmente, por vestimentas e adereços que reforçam a feminilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar, na especialização, sobre Gênero e Diversidade na Escola possibilitou-nos refletir sobre situações do cotidiano que evidenciam discriminação da mulher que, por muitas vezes, é velada no dia a dia escolar. A partir do desenvolvimento dessa pesquisa, observamos que tais situações, também, podem ser veiculadas por meio dos livros didáticos.

A experiência através desse trabalho e dos estudos nessa pós-graduação, fez com que esta aluna adquirisse embasamento teórico e respaldo para os posicionamentos e atitudes por ela já praticados, como é o caso da não separação de meninos e meninas nas atividades e diversas e lugares de sentar quando regente na educação infantil, bem como no esclarecimento e reflexões com demais colegas de trabalho que não tiveram a oportunidade de desse curso participar.

O apelo imediato dessa pesquisa foi apresentar e discutir as imagens selecionadas pelo corpus de análise, pois, para esta discente, a representação da figura feminina nos livros didáticos está intimamente ligada à visão de mundo e posicionamento que as crianças poderão construir ao manuseá-lo diariamente.

Embora nos últimos anos os discursos feministas tenham atingido grande notoriedade, possibilitado novos olhares e permitindo uma nova atuação das mulheres no contexto no qual estão inseridas, foi percebido que os livros didáticos utilizados nessa pesquisa não têm acompanhado essa evolução. Retratar a mulher, constantemente, no papel de dona-de-casa quando no ambiente familiar, servindo aos filhos e ao marido, utilizando a ajuda daqueles para tarefas domésticas, executando atividades de cuidado ou de subserviência aos homens, quando no ambiente profissional ou ser, sempre, estereotipada com a cor rosa e com adereços que reforçam sua feminilidade, em nada contribui para o empoderamento de meninas que manuseiam as páginas desses livros, diariamente.

Ainda que não se possa generalizar a ideologia presente nos livros didáticos de todo o país, tendo em vista que foram analisadas apenas as obras de uma escola, deve-se lembrar de que essas são constantes do Programa Nacional do Livro Didático 2013/2015, ou seja, foram escolhidas e veiculadas em diversas outras escolas no decorrer dos últimos três anos, tornando-se um fato que aumenta a

quantidade de professores e, principalmente, alunos que tiveram acesso diário às obras.

Quanto ao objetivo geral proposto na introdução, com o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a imagem da mulher nos livros utilizados não deixou de ser retratada de forma similar àquela pensada pela sociedade patriarcal. No que tange ao ambiente familiar, ela é sempre a mãe que cuida dos filhos, a esposa que cuida do marido e a dona-de-casa zelosa que se dedica aos afazeres domésticos, sendo importante lembrar, aqui, a mínima evidência de imagens que mostraram os homens envolvidos nas atividades domésticas.

Outra questão é que, em relação ao ambiente profissional, a apresentação em massa de mulheres como professoras de crianças ou em atividades de baixa remuneração e baixo prestígio social como caixa de supermercado, costureira ou atendente reforça o caráter de desvalorização do serviço feminino no ambiente público. Um serviço que, muitas vezes, é utilizado para firmar a ideia de que a mulher deve destinar-se ao cuidado, como no caso das professoras de crianças, sem necessidade de investir na formação intelectual para galgar profissões mais bem remuneradas.

Quanto à educação de crianças, foram encontradas imagens que demonstram interação entre meninas e meninos, no entanto, consideramos importante que os autores e/ou organizadores de livros invistam em imagens que desmistifiquem o padrão de vestimenta dos gêneros feminino e masculino, ao menos em relação às cores. Justifica-se a relevância devido a ser muito provável que a constante veiculação de meninas com a cor rosa e adereços no cabelo, façam os meninos internalizarem a ideia de que rosa é cor, apenas, de menina e que aquele menino que a usar deve ser alvo de chacota e ironia.

Em suma, ao concluir este trabalho, acreditamos que se faz necessário o contínuo trabalho de pesquisas, tendo como objeto de estudo o livro didático, principalmente, no que diz respeito à imagem da mulher. Dessa forma, o resultado alcançado poderá servir de parâmetro e fonte para reflexões viabilizadoras da produção de novos livros e materiais didáticos que viabilizem a desconstrução da imagem feminina que é retratada, até então.

Referências

BARBOSA, Luciana Cândido; SOARES, Maria de Lourdes. Trabalho doméstico, trabalho desvalorizado, trabalho de mulheres. In: 17º ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA E NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO. 2012, Paraíba. **Comunicação Oral.**

Disponível em:

<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/284>>.

Acesso em: 20 abr. 2016.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane. Livros escolares no Brasil: a produção científica. In: COSTA VAL, Maria da Graça Ferreira da.; MARCUSCHI, Beth. (orgs.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania.** Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.p.13-45. (coleção Linguagem e Educação)

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERTOL, Carolina Esmanhoto. **Regulações e rupturas no contexto escolar.** In: Plataforma GDE. Belo Horizonte, 2014, 11 p. (No prelo)

BONDUKI, Sonia; CAMARGO, Carolina Reuter. **Ciências 2º ano: ensino fundamental (manual do professor).** 2.ed. São Paulo: IBEP, 2011. (Código da coleção: 25255COL04)

BONJOURNO, José Roberto; BONJOURNO, Regina de Fátima Souza Azenha; GUSMÃO, Tânia Cristina Rocha Silva. **Pode contar comigo alfabetização e letramento: matemática – 3º ano.** 1.ed. São Paulo: 2011. (Código do livro: 25351C3221 tipo L)

_____. **Pode contar comigo alfabetização e letramento: matemática – 1º ano.** 1.ed. São Paulo: 2011. (Código do livro: 25351C3219 tipo L)

_____. **Pode contar comigo alfabetização e letramento: matemática – 2º ano.** 1.ed. São Paulo: 2011. (Código do livro: 25351C3220 tipo L)

BRASIL. Ministério da educação e cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução. 3. ed. Brasília, 2001.

____. Ministério da educação. Secretaria de educação fundamental.

Recomendações para uma política pública de livros didáticos. Brasília, 2001.

<Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002406.pdf>>.

Acesso em: 01 ago. 2015

DUTRA, Hellen. A trajetória de um corpo liberado no espaço, a propósito do conto “O triângulo mais que perfeito”, de Helena Parente Cunha. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 4, set 2006. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/HellenDutra.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2011.

FEIJÓ, Bruno Vieira. **Por que azul para meninos e rosa para meninas?** Revista Superinteressante, 2006. Disponível em < <http://super.abril.com.br/historia/por-que-azul-para-meninos-e-rosa-para-meninas>>. Acesso em 12 dez. 2015.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Gênero e valorização profissional da docência. **Revista Matria**, Brasília, v. 1, n. 13, mar.2015. Disponível em < http://www.cnte.org.br/images/stories/revistas/revista_matria_2015.pdf>. Acesso em 12 dez. 2015.

FUNARI, Raquel dos Santos; LUNGOV, Monica. **Aprender juntos história:** ensino fundamental – 2º ano. 3.ed. São Paulo: Edições SM Ltda., 2011. (Código do livro: 2524C0620 tipo L)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 179 p. (Educação pós-crítica)

MAESTU, Juliana. **Geografia:** 3º ano (manual do professor). 2.ed. São Paulo: Moderna (organizadora). (Código da coleção: 25397COL05)

____. **Geografia: 2º ano (manual do professor)**. 2.ed. São Paulo: Moderna (organizadora). (Código do livro: 25397C0520 tipo L)

MARCUSCHI, Elizabeth; LEDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Representações de gênero social em livros didáticos de língua portuguesa. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 149-178, jan/mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n1/1984-6398-rbla-15-01-00149.pdf>>. Acesso: em 08 set. 2015.

MATTOS, Amana. **Gênero, práticas institucionais e hierarquias**. In: Plataforma GDE. Belo Horizonte, 2014, 8 p.

MISKOLCI, Richard. **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. 1. reimp. São Carlos: EDUFSCar, 2014. 220p.

NATH-BRAGA, Margarete Aparecida. Discursos sobre a mulher: uma análise do livro didático língua portuguesa e literatura: ensino médio. **Revista Prolíngua**. Paraíba, v.8, n.1, p. 93-108, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/16894/9624>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

OLIVEIRA, Wilson Sousa. A imagem da mulher nos livros didáticos e relações de gênero. **Revista Fórum Identidades**. São Cristóvão, v. 9, a. 5, jan/jun. 2011. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_9/FORUM_V9_12.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2015.

TABOADA, Roberta; LEITE, Ângela. **Aprender juntos matemática – 4ºano**. 3.ed. São Paulo: Edições SM Ltda., 2011 (Aprender juntos)

____. **Aprender juntos matemática – 5ºano**. 3.ed. São Paulo: Edições SM Ltda., 2011 (Aprender juntos)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; COSTA, Silvana; ALMEIDA, Zélia. **A aventura da linguagem: letramento e alfabetização** – 3º ano. 3.ed. São Paulo: IBEP, 2011. (Código do livro: 25193C3821 tipo L)

SILVA, Conceição F. Seixas. **A escola e as relações de igualdade e diferença**. In: Plataforma GDE. Belo Horizonte, 2014, 8.p.

SOUSA, Ana Paula de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas X monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar**. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Franca. Disponível em: < <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/AnaPaula.pdf> >. Acesso em: 20 abr. 2016.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p. (Gênero plural).

VASCONCELOS, Adson. **Aprender juntos língua portuguesa: ensino fundamental – 5º ano**. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2011 (Aprender juntos)

_____. **Aprender juntos língua portuguesa: ensino fundamental – 4º ano**. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2011 (Aprender juntos)